

Onde a cidade vive seu lado agitado

ADRIANA VASCONCELOS
Da Editoria de Cidade

Apesar de ter sido planejado no mesmo espírito de toda a cidade, o Setor Comercial Sul destaca-se atualmente como um centro atípico dentro do universo de Brasília. Longe do traçado organizado proposto pelos projetos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para a capital federal, o SCS é confundido com a miniatura de uma cidade grande e como tal apresenta em cada esquina contrastes, problemas e surpresas. O fator atípico do local se deve principalmente à aglomeração de 90 prédios numa área de aproximadamente 125 mil metros quadrados.

Com um movimento diário acima do normal, se comparado a outros pontos da cidade, o SCS abriga num mesmo espaço pessoas das mais inesperadas origens e classes sociais. Cada um tem objetivo ou função e encontra uma razão para ir de encontro ao chamado coração de Brasília. Entre bancos, praças, algumas árvores e muitos prédios, o brasiliense impôs um ritmo agitado ao cotidiano do local. E como não poderia deixar de ser, os problemas característicos dos grandes centros urbanos começam a aparecer.

As reclamações surgem de todos os lados e variam segundo o ponto de vista de quem analisa a situação. Se para uns o maior problema é a falta de estaciona-

mento e o trânsito tumultuado entre vias estreitas — que quando planajadas não previam uma sociedade estruturada em função de veículos automotores — outros acreditam que a onda de violência aos poucos ganha espaço a cada dia e gera consequências desastrosas.

Há também quem diga que não existe local melhor para se ganhar dinheiro. Os mais afortunados aplicam gordas quantias em contas remuneradas, overnight ou cadernetas de poupança. Os mais modestos se contentam com a venda de artesanatos, roupas ou sanduíches no canto de uma calçada e, quando muito, garantem um total de Cz\$ 6 mil em média por dia. Em contraste a sociedade brasiliense inclui-se no contexto nacional e caracteriza a nova vida de moderna.

ADMINISTRAÇÃO

Mesmo comparado aos grandes centros do País, o SCS não esquece de todo a sua origem. Seria difícil imaginar funcionários da administração local de uma cidade como o Rio de Janeiro molhando canteiros de flores em plena Cine-lândia. Talvez nesse ponto surja a característica mais marcante em tudo que diz respeito à capital federal: o tratamento diferenciado para quem vive em meio ao poder. Valdelice Conceição, funcionária da Novacap, passa o dia todo molhando os jardins do SCS.

BETH MUNHOZ



Em muitos locais a marca do abandono está presente no setor de maior movimento da cidade

Praças dão um toque mais humano

Entre 90 edifícios sobra pouco espaço para as áreas verdes florescerem no Setor Comercial Sul. Apesar de reduzidas, quatro praças humanizam e colore o dia a dia de quem passa no local. De acordo com a ocasião, servem de palco para as denúncias, protestos, descanso e até mesmo abrigo. Do turista sonhador ao nordestino desiludido, todos participam do cenário.

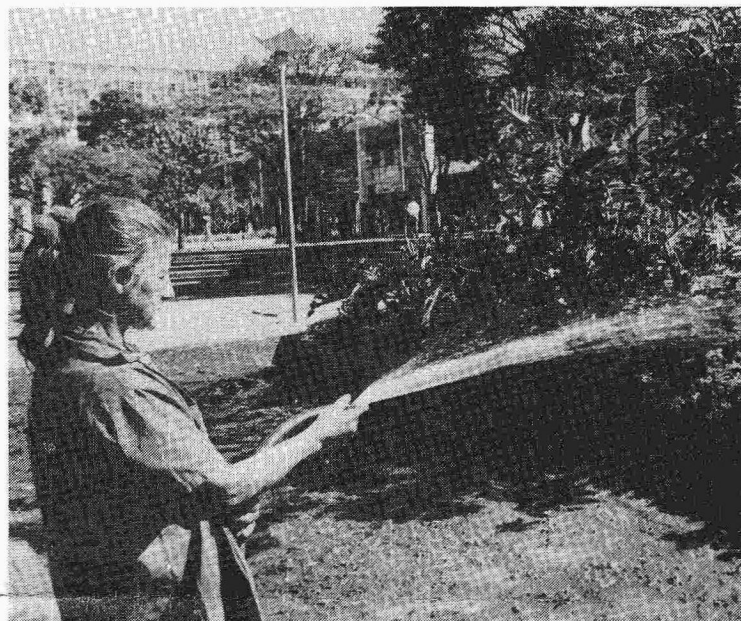
Enquanto na Praça dos Artistas, as flores despertam a curiosidade de Helmut Zhrku e Doris Mayr, que vieram da Áustria para conhecer o exótico Brasil, Francisca dos Santos Silva vive o drama do nordestino que veio para o Planalto Central em busca dos dias melhores. Com três filhos, ela e o marido estão instalados há quase um mês atrás dos bancos da praça ao lado do BRB. "Não temos aonde ir", explicam.

Do contraste da situação, não só entre estrangeiros vindos de países desenvolvidos e nordestinos maltratados pela seca, mas em toda a sociedade brasileira, surgem os protestos e gritos pedindo justiça. Também nessa hora, as praças presenciam a tentativa de transformações do mundo. A Praça do Povo, ao lado das Lojas Americanas, há algum tempo tem sido o espaço preferido para manifestações de todos os segmentos da comunidade brasiliense. Defendendo a natureza, direitos e deveres do cidadão ou reivindicando salários mais justos, os movimentos chamam a atenção de quem passa.

Dilamar Pires Veloso às vezes

costuma sentar nos bancos dessas praças para se dedicar à leitura de um bom livro ou algum jornal. Em meio à literatura ela conta que já viu de tudo, "coisas que até Deus duvidaria". Com o objetivo diferente, as estudantes Maristela Bernardino Santos e Idinamar Hilda da Silva procuraram um dos bancos da Praça dos Artistas para esperar a resposta de proposta de emprego na Shis: "Ficamos horas na fila e lá os funcionários disseram que nós deveríamos voltar em outro horário".

Como não poderia deixar de ser, as praças desempenham o seu papel básico: unir as pessoas. Amigos ou conhecidos sempre que podem param num banquinho ao sol e puxam uma animada "prosa". Esse é o caso de Antônio Ramos Pimentel, funcionário da Caesb, que quando tem uma folga procura um lugar na praça ao lado do BRB. "Na época de frio é melhor ainda, além de me distrair um pouco consigo me esquentar com o sol".



Francisca da Silva passa o dia molhando o jardim

Lojistas faturam bem

Como o próprio nome caracteriza, o comércio não poderia deixar de ser um ponto marcante dentro do Setor Comercial Sul. Num convívio até certo ponto pacífico, grandes lojas e inúmeros vendedores ambulantes disputam espaço e vendas. Tem de tudo para qualquer tipo de gosto ou poder aquisitivo. Das frutas de estação oferecidas no meio das calçadas até os intelectualizados "best-sellers" expostos nas prateleiras de várias livrarias.

Do brega ao chique, o freqüentador do local sempre poderá satisfazer os mais diferentes estilos. Reconhecido pelo comerciantes como um dos pontos mais movimentados da cidade, o SCS figura entre uma pequena lista de lugares onde ainda se consegue vender alguma coisa. As lojas especializadas em alimentação — lanchonetes, bares e restaurantes — são as que mais sentem o movimento. Em média conseguem atender 150 pessoas durante o período de almoço.

Na onda do natural, os restaurantes do ramo faturam alto em cima da grande quantidade de clientes. O Coisas da Terra, em frente a Praça dos Artistas, na quadra 6, atrai a clientela com pratos prontos ao preço de Cz\$ 350, além de pizzas, pastéis, chás e sucos. Segundo o gerente Luiz Carlos Lima, o movimento das segundas-feiras é sempre maior que o dos outros dias. "Muitos preferem a comida natural após um fim de semana cheio de excessos alimentares".

Quem ainda não se acostumou com as folhas e grãos da alimentação natural pode regalar-se com fritos churrascos. É só olhar para os lados. Como a pressa é uma constante na vida moderna, as refeições rápidas garantem uma alimentação simples no menor tempo possível. Com esse objetivo, o gerente da

lanchonete Max Burger, Marco Antônio da Costa, oferece aos apressados refeições prontas em menos de cinco minutos pelo valor de Cz\$ 450.

CARENCIAS

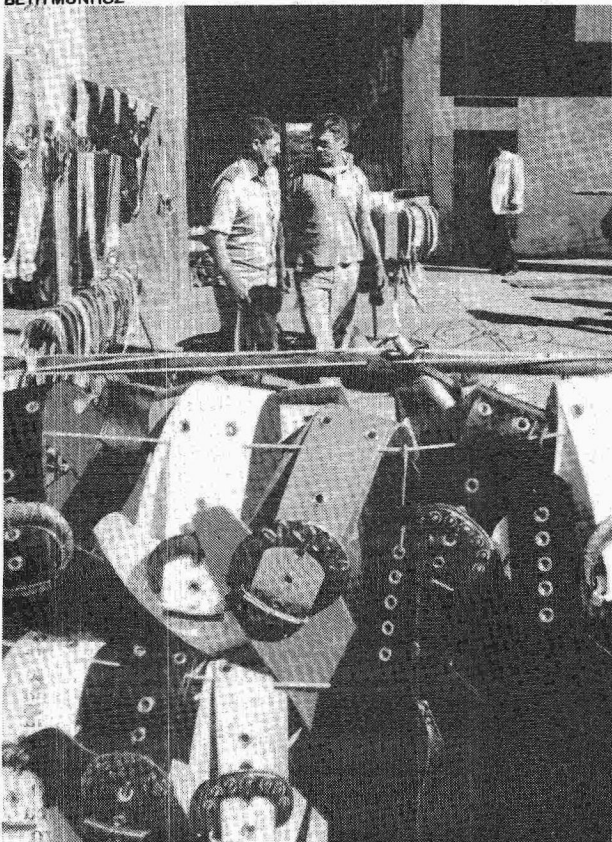
Mesmo diante de tanta variedade, existem ainda algumas pessoas que reclamam. Adelaide Moraes, funcionária da Caesb, trabalha no SCS e lembra que, apesar das opções de restaurantes e lanchonetes, faltam casas especializadas em doces. Chegando para o trabalho sempre pela manhã, e não indo em casa para almoçar, ela diz que uma sobremesa sempre faz falta.

Outros lembram que não existem diversões no local e quem quiser se distrair deve chegar até o Edifício Conic, no Setor de Diversões Sul. Mas como para tudo o brasileiro acha um jeitinho de não ficar triste, é comum ver comerciantes tentando alegrar a rotina do dia a dia com grandes aparelhos de som. Localizada na parte central do SCS, as famosas Lojas Americanas formam o ponto mais conhecido da área.

Vendendo todo tipo de artigos, desde os gêneros alimentícios até prendedor de cabelo, as Lojas Americanas atraem muitos clientes que em geral buscam as ofertas. Os camelôs correndo atrás do movimento arrebatam os clientes que não conseguiram se satisfazer com as mercadorias do magazine.

Os comerciantes instalados ao lado das Lojas Americanas garantem que há espaço para todos. Com 67 anos, Francisco Rosa diz que o movimento do local vai de sol a sol: "Estou aqui há oito anos vendendo cintos e n-ao mudo para nenhum outro lugar". Já o engraxate Luiz Cláudio acredita que o SCS seja um local tranquilo até 18h. "Depois a barra fica pesada e os assaltos são constantes", alertou.

BETH MUNHOZ



Camelôs: um pouco de tudo para todos

ESTACIONAMENTO

A dor de cabeça de todo o dia

tabelecimentos irregulares.

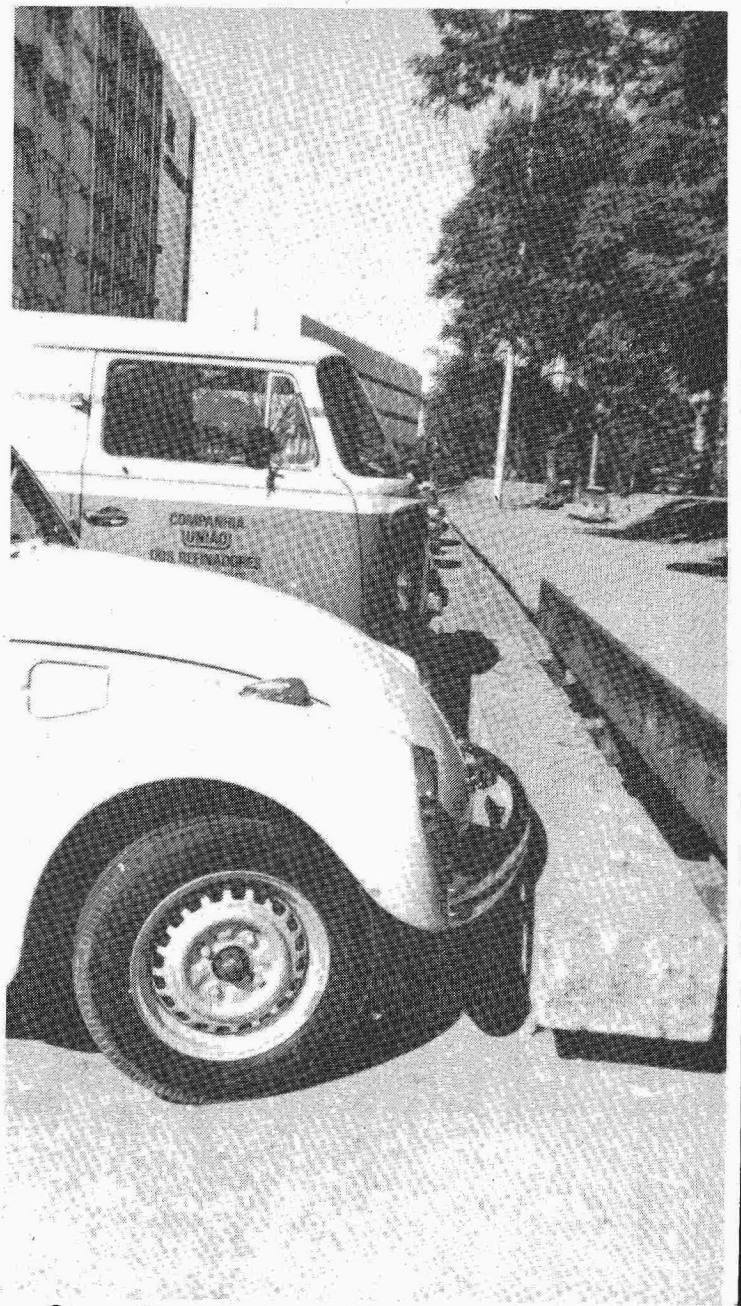
SOLUÇÃO

A alternativa para os problemas do SCS geram polêmicas. Motoristas não admitem muitas por estacionar os veículos em locais proibidos: "Primeiro o GDF deve construir mais estacionamentos". Alguns como João Jacob dizem que a construção de prédios-garagem talvez diminuisse o problema. Os arquitetos afirmam que não.

Luiz Felipe Torelly, presidente do Sindicato dos Arquitetos, alega que o custo da pavimentação de estacionamentos é muito alto, assim como a construção de prédios, e com um agravante: "Ficam ociosos durante o

fim de semana". "É difícil, se prever de quanto será a população brasiliense dentro de alguns anos. A tendência será sempre encontrar dificuldades no trânsito em grandes concentrações urbanas".

Um policiamento contínuo talvez possa conter a onda de violência que começa realmente a assustar os freqüentadores do SCS. Wilson André diz que nunca foi assaltado, mas conhece histórias de conhecidos que perderam até a roupa. Ele conta ainda que durante o dia é comum ver adolescentes se prostituindo: "Quero sair tranquilo do meu trabalho, sem ficar com medo de assaltos ou agressões maiores".



Sem muita opção, os carros param em qualquer lugar

SEGURANÇA

Com o passar dos anos, o CBDF criou a Diretoria de Serviços Técnicos, que atualmente fica responsável pela liberação de qualquer planta para prédios em construção. Nos prédios antigos o CBDF exigiu adaptações que permitissem condições mínimas de segurança. Promovendo sempre operações simuladas no local, os bombeiros dizem que a dificuldade maior da corporação, ao chegar ao SCS, é conseguir a locomoção dos veículos de grande porte, entre as ruas estreitas.

"No caso de qualquer acidente em horários de grande movimento, só Deus ajuda", lembrou o capitão Anício. Ele diz que a área é bem servida de hidrantes, mas às vezes os carros estacionados em locais proibidos impedem a atuação dos bombeiros: "Foi o que aconteceu durante a última simulação no local". A fiscalização da área é feita no máximo a cada quatro meses.

Conforme o tamanho da área, as exigências do CBDF variam. O capitão Anício lembra que no caso específico do SCS é recomendada a construção de passarelas entre os prédios vizinhos, possibilitando salvamentos mais rápidos e menos perigosos durante os incêndios. Na falta de equipamentos básicos de segurança o bombeiro pode multar ou até mesmo fechar es-